

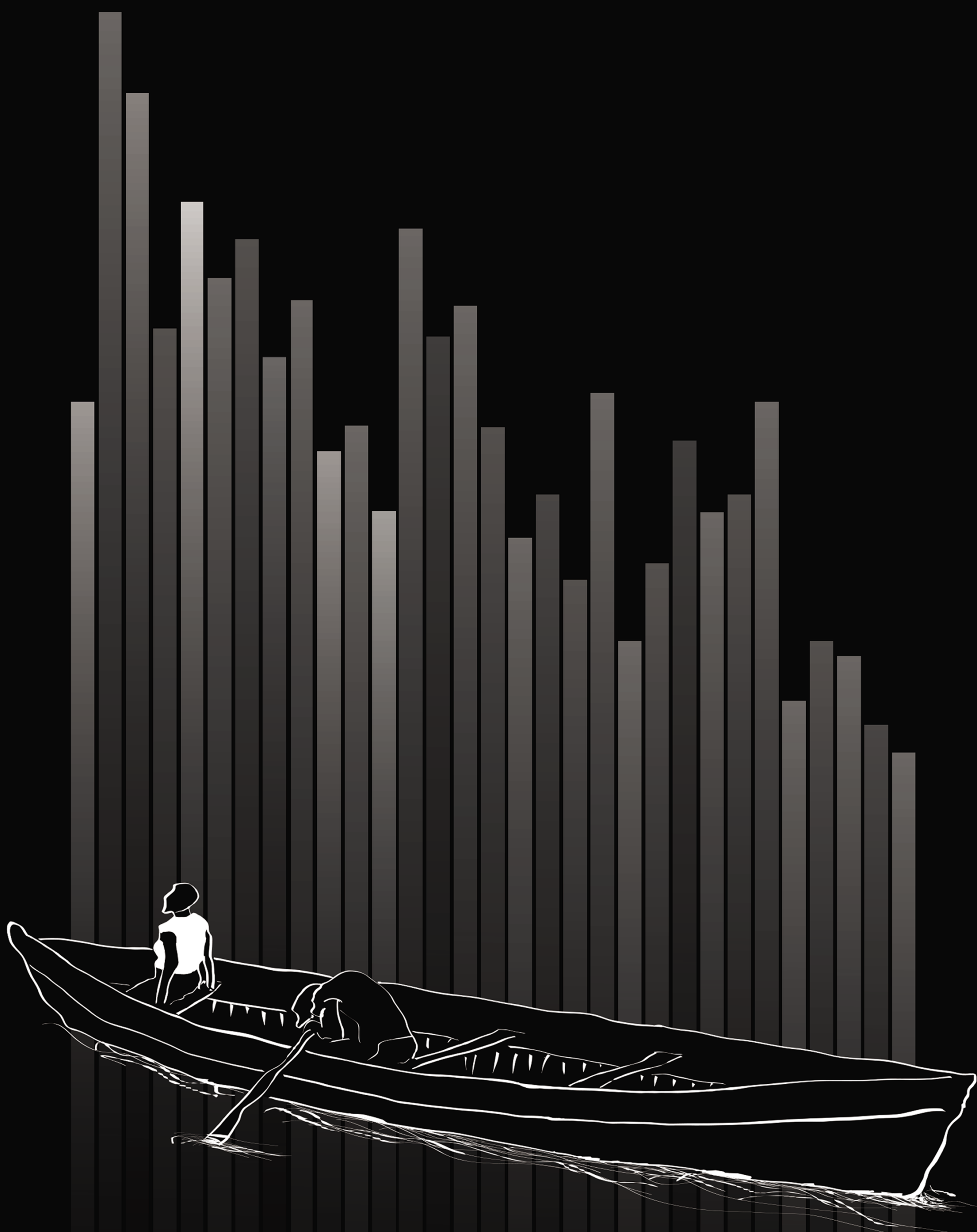


apresenta

com apoio do Institut Français

CineConcertos

O CINEMA NUNCA FOI MUDO



CAIXA Cultural Curitiba

20 a 25.02.24

@CineConcertos

@CaixaCulturalCuritiba / caixacultura.gov.br

realização



apoio



patrocínio



Realizar a mostra CineConcertos – O cinema nunca foi mudo na CAIXA Cultural é oferecer às novas gerações a oportunidade de conhecer clássicos da história do cinema da forma como eram usufruídos na época de seu lançamento. A exibição dos filmes centenários de Murnau, Peixoto ou Flaherty proporciona ao público uma experiência cinematográfica excepcional nos dias de hoje, pois assim como antigamente, as exibições serão musicadas ao vivo por musicistas que acrescentarão sua própria interpretação sonora às imagens dos mestres pioneiros.

Como grande incentivadora da cultura, a CAIXA apoia projetos que promovem experiências engrandecedoras ao público, e com uma programação plural e de qualidade, gratuita ou a preços acessíveis, e proporciona aos brasileiros o acesso a diversas manifestações da arte e culturais e seu poder transformador.

A CAIXA Cultural, em seu compromisso de fomentar o enriquecimento cultural da população brasileira, promove, há mais de 40 anos, ações voltadas à difusão cultural: de oficinas de arte-educação à promoção de espetáculos de música, dança e teatro, além de mostras de cinema e exposições de obras de arte. O patrocínio ao presente projeto reitera o papel institucional da CAIXA Cultural como promotora das artes e das culturas brasileiras.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Índice

O cinema nunca foi mudo **06**

Os Músicos **14**

Antonio Gianfratti **15**

Carlos Ferreira e Diego Poloni **16**

Juarez Neto Sexteto **17**

Os Filmes **20**

Curtas de Alice Guy **21**

Limite **22**

Nanook, O Esquimó **23**

Nosferatu **24**

Pour Don Carlos **25**

São Paulo, Sinfonia da Metrópole **26**

Os Diretores **27**

Alice Guy **28**

F.W. Murnau **30**

Mário Peixoto **32**

Musidora **34**

Robert J. Flaherty **36**

Rodolfo Lustig e Adalberto Kemeny **38**

Os Curadores **40**

Aristeu Araújo **41**

Luiz Lepchak **41**

Equipe Técnica **42**

Madame a des envies, de Alice Guy - 1906
em tradução livre, “a senhora tem desejos”



O cinema nunca foi mudo

Oficialmente, o som no cinema nasceu no ano de 1927 com o longa-metragem *O cantor de jazz*, filme dirigido por Alan Crosland e estrelado por Al Jolson. Com *blackface*¹ e som sincronizado, a fita arrebatou as plateias dos Estados Unidos, espalhando a boa nova que agora era falada e cantada, transformando a indústria e iniciando um rápido processo de extinção do então cinema silencioso.



O Cantor de Jazz - 1927

Mas, na verdade, a história não foi exatamente assim.

O cinema nunca foi mudo. Desde seu começo, existiram diversos experimentos de sincronização sonora para as imagens em movimento. O cinema nunca foi mudo, assim como nunca foi unicamente preto e branco, já que

¹ **Blackface**, que pode ser traduzido como “rosto preto”, é a prática de pessoas brancas se pintarem de preto ou marrom para representar personagens negros. Extremamente comum nos Estados Unidos e na Europa entre meados dos séculos XIX e XX, a prática caiu em desuso frente seu teor racista. O blackface servia, sobretudo, para ridicularizar as pessoas não brancas em lugares que os negros nem tinham o direito de pisar, fosse o palco de um teatro ou a tela de um cinema.

cientistas, engenheiros e artesões, o coloriram com diferentes técnicas, pintando-o à mão quadro a quadro ou alterando os banhos químicos que deixariam suas películas azuladas em sequências noturnas e alaranjadas em dias ensolarados, só para citar uns poucos exemplos.

O que aconteceu de fato em 1927 foi a hegemonização de uma tecnologia. Apesar das inúmeras técnicas de sincronização sonora que existiam até então, *O cantor de jazz* estabeleceu novos padrões para a indústria. Com um disco de acetato e a modernização das salas de cinema, foi possível a transformação em larga escala e o público passou a ouvir falas e cantos, muitos cantos, com uma variedade incrível de filmes predominantemente musicais. Rapidamente a indústria precisou se transformar e o cinema feito até então foi deixado para trás.

O cinema nunca foi mudo porque mesmo antes de qualquer aparelho capaz de reproduzir falas e músicas em sincronia com a imagem projetada, músicos tocavam e cantavam nas salas de cinema; atores davam seus textos escondidos atrás das telas; narradores explicavam às plateias pouco afeitas àquelas imagens prateadas, o que se sucedia nas histórias. Mesmo nas salas mais simples, quando nem ao menos um pianista estivesse presente para preencher com suas notas a maravilha tecnológica que anunciava o século XX, o cinema não era mudo. Para essas plateias, ainda havia o ruído do projetor rodando suas bobinas e engrenagens. E se para hoje aquele ruído tão clichê não nos diz muito, na infância do cinema, ele era o anúncio de algo simplesmente fabuloso.

Por tudo isso, estudiosos do primeiro cinema preferem chamar o período de “cinema silencioso” e não de “mudo”.



Primeiras experiências de sincronia sonora

Antes mesmo do *cinematógrafo*, a máquina criada pelos irmãos Lumière que era capaz de captar e projetar imagens em movimento, já existiam experimentos que visavam sincronizar som e imagem. Georges Demenÿ, um dos precursores do cinema, fez experimentos unindo gravação de voz e o uso de lanternas mágicas (uma espécie de projetor de *slides* muito popular no final do século XIX).

Thomas Edison, inventor e dono de mais de duas mil patentes – entre elas a lâmpada elétrica incandescente –, foi um dos responsáveis pela criação do *cinetoscópio*, que, se no início não tinha som, desaguou no *kinetophone*, sua versão melhorada e sonora. O *cinetoscópio*, criado em 1894, era uma máquina para visualização individual. Através de um “olho mágico” o espectador assistia a filmes curtíssimos, geralmente pequenas cenas banais (pessoas dançando, um cavalo trotando), mas em movimento. O mais importante era o movimento. O *kinetophone* era a união do cinetoscópio com o *fonógrafo* (outra invenção dos laboratórios de Edison).

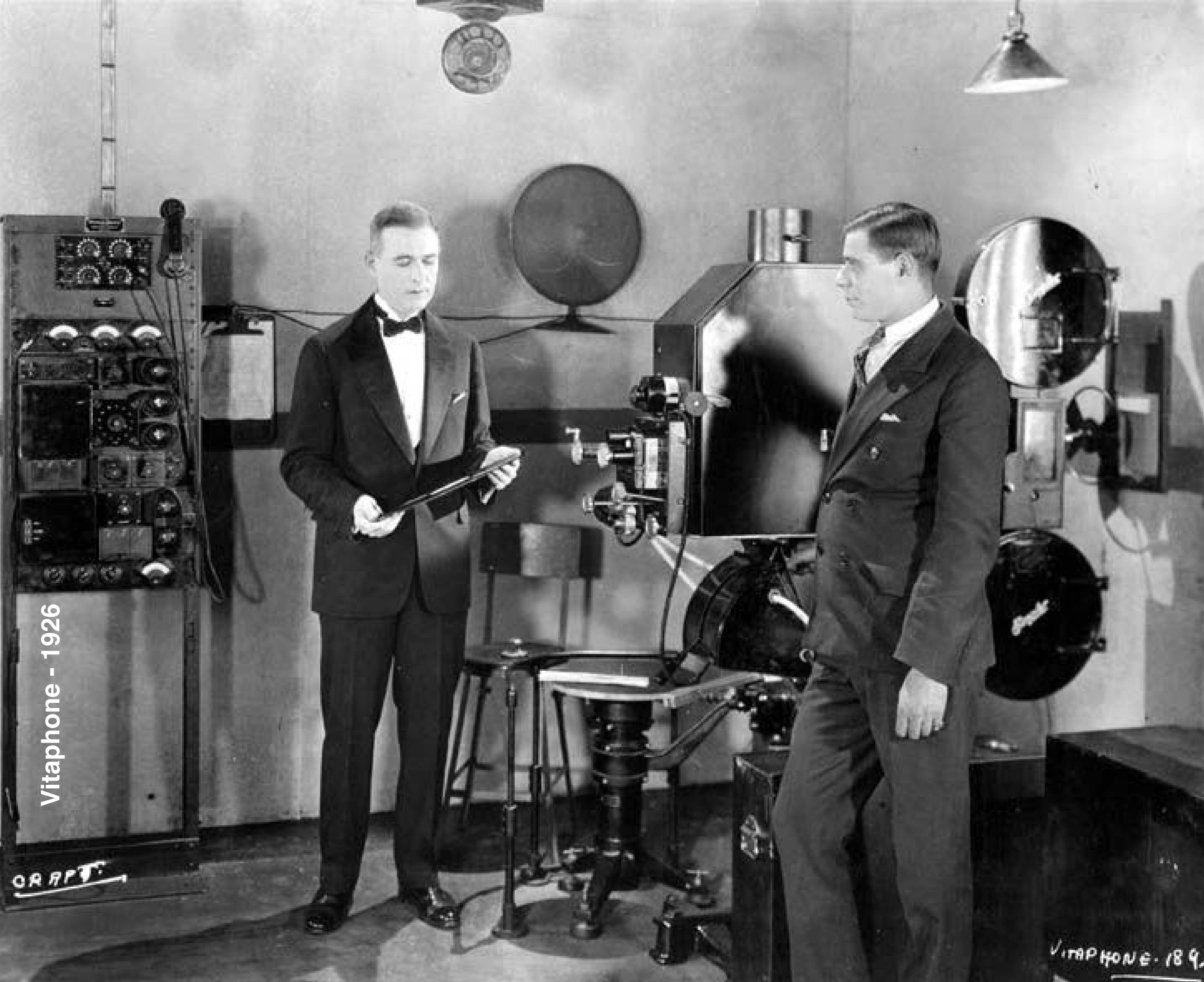


Em 1902 foi a vez de Léon Gaumont dar a sua cartada na busca pelo som no cinema. Gaumont foi um inventor francês e pioneiro do cinema que, no início, trabalhava criando filmes de forma semelhante às produções dos Lumière. Ou seja, ele confeccionava imagens do mundo em movimento para plateias sedentas por vê-las simplesmente porque elas tinham movimento. Sua empresa também foi responsável pelos primeiros filmes ficcionais da história, tendo Alice Guy² como a responsável pela empreitada. Em 1902, Gaumont lançou o *chronophone*, que consistia na sincronização da imagem em movimento com dois *fonógrafos*. Por ser um processo muito caro para construção e exibição, além de demonstrar limitações, principalmente na amplificação para grandes plateias, a invenção se tornou obsoleta.



Making of de uma filmagem com chronophone
feita por Alice Guy - 1907

² **Alice Guy** foi não só a primeira mulher cineasta do mundo, mas também a responsável pela criação do primeiro filme de ficção da história do cinema.

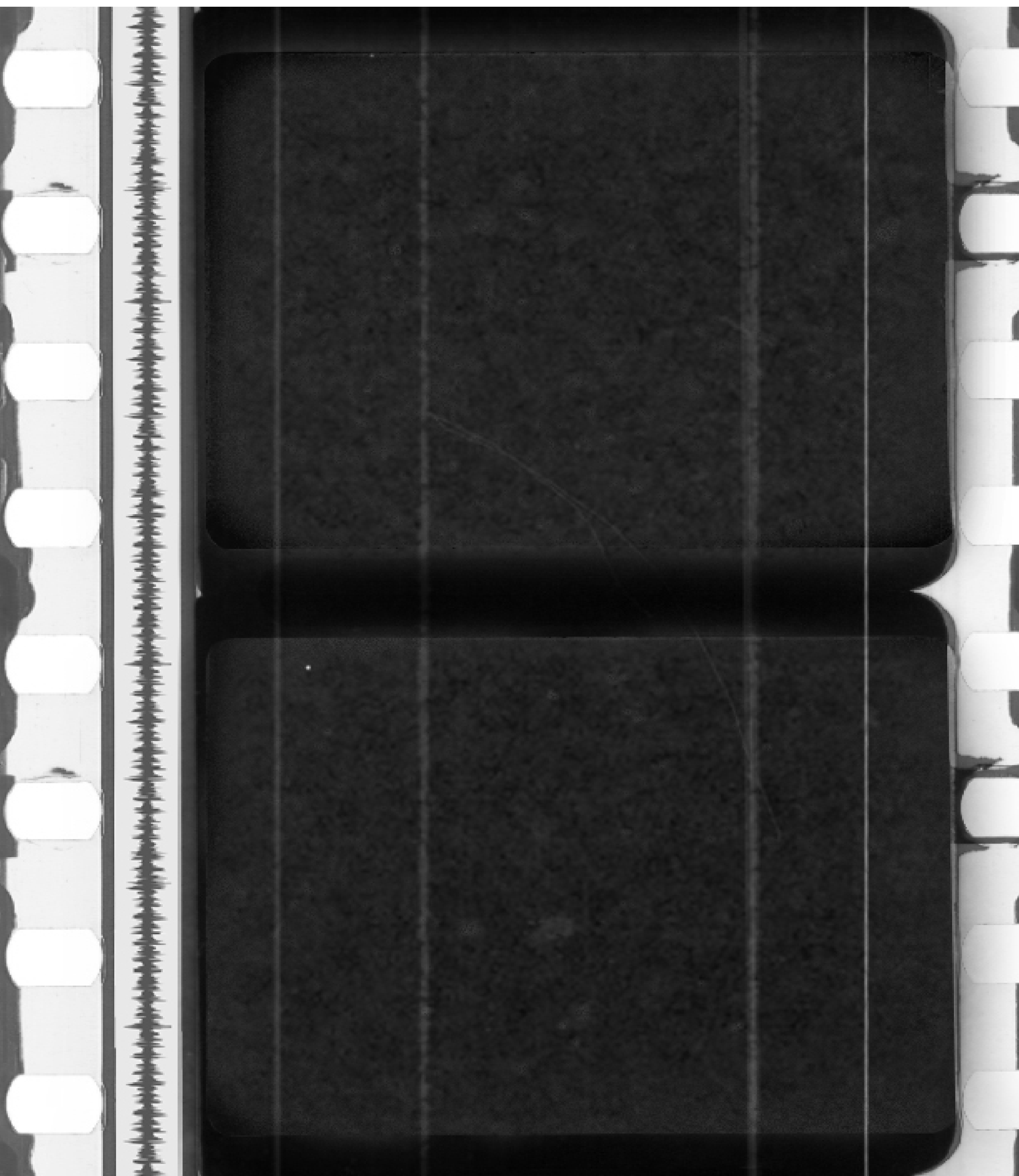


Vitaphone

Foi com o *vitaphone* que nasceu *O cantor de jazz* e a primeira grande demanda pela produção de filmes sonoros. A tecnologia, adquirida e aperfeiçoada pela Warner Bros., também consistia na execução de toca-discos em sincronia ao filme projetado. No entanto, a partir desse momento o sistema de amplificação já era de alta qualidade, sem distorções e com potência suficiente para ser ouvido em todo o espaço do cinema. Desse modo, houve uma corrida pelos exibidores para aperfeiçoamento de suas salas.

Mesmo assim, o sistema perdeu a dianteira para outra tecnologia nascente, a do som ótico. Acontece que o *vitaphone* era muito difícil de lidar. A distribuição era complexa, já que exigia filmes e discos a serem enviados para diversos cinemas ao mesmo tempo; a sincronização exigia especialização dos projetoristas, além de ser muito comum problemas na exibição por falta de sincronia com a imagem, defeitos nos discos ou mesmo

nas agulhas que captavam os sons dos sulcos que giravam à 33 e 1/3 por minuto; nos bastidores, a montagem era um pesadelo para os editores de filmes, já que a tecnologia para gerar imagem e som sincrônico era muito complexa, o que demandava peripécia dos técnicos. Mesmo assim, uma infinidade de filmes foi produzido com o *vitaphone*.



O som ótico

A invenção da película cinematográfica foi capaz de capturar o movimento em quadros estáticos. Isso já não era novidade desde o *cinetoscópio* de Thomas Edison e, posteriormente, de seu aperfeiçoamento no *cineamatógrafo* dos Lumière. Mas o som, não. O som era gravado em discos ou cilindros.

A Fox Film, contudo, desenvolveu o Movietone, que consistia na gravação do som diretamente na película, estabelecendo assim o som ótico. A intenção inicial era a de fazer registros mais rápidos para a sonorização de cinejornais.

Movietone

As patentes para a implementação do *Movietone* são de julho de 1926, adquiridas pela Fox Film e logo largamente utilizadas pela indústria. Nessa tecnologia, o som é gravado na borda da película em formato de ondas sonoras.

O fato de ser necessário apenas a película para a exibição, e não a película e um toca-discos em sincronia, fez com que a invenção ganhasse espaço e se tornasse o modelo padrão. Dessa forma, quando os filmes se partiam, o que era muito comum, não havia maiores problemas do ponto de vista de sincronia. Um pedaço de fita adesiva era suficiente para a emenda do filme.

Mesmo assim, *Vitaphone* e *Movietone* disputaram mercado até o ano de 1931, quando o método ótico dominou de vez o ramo cinematográfico. E o resto é história.

Os Músicos

Antonio Gianfratti

Antonio “Panda” Gianfratti é percussionista contemporâneo que se dedica a improvisação livre musical há muitos anos, com destaque tanto no Brasil como no exterior. É o decano da música improvisada brasileira, como o foi antes do free jazz. Fundou o coletivo de improvisação livre Abaetetuba em 2004. Também deixou a sua marca no jazz “mainstream” e tocou rock, bossa nova e música tradicional do Brasil. Seu trabalho de percussão consiste no desenvolvimento timbrístico com o uso de arco em pratos em cima de tambores, vibrafone preparado e violoncelo assim como nos instrumentos que projeta ou transforma. Interage com cinema, teatro, poesia, artes visuais e multimídia.



Carlos Ferreira e Diego Poloni

Carlos Ferreira é guitarrista e compositor experimental, com trabalho que se preocupa com a natureza da escuta e explora a relação entre som, espaço, tempo e memória. Artista dos selos Past Inside The Present (EUA), AKP Recordings (EUA) e Modern Obscure Music (Espanha), lançou álbuns por diversos selos ao redor do mundo, além de já ter produzido *live sets* para a rádio Dublab de Los Angeles (EUA) e Osaka (Japão).

Diego Poloni é artista sonoro e tem como foco de sua pesquisa o potencial transcendental do *time-stretch*, o tensionamento entre audições ambientes e estruturais; o som como erotismo e a exploração hauntológica de gêneros eletrônicos como *jungle* e *drum and bass*. Foi indicado ao Grammy Latino, vencedor do Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, indicado ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, desenvolveu obras comissionadas pelo Instituto Goethe, Instituto Ling, Farol Santander e teve seu trabalho exibido no The White Cubicle Toilet Gallery (Londres) e Tate Modern (Londres), entre outros.



Juarez Neto Sexteto

Grupo de jazz de Curitiba criado especialmente para a mostra CineConcertos. O conjunto ainda conta com Lilian Nakahodo, Duda Comunello, Igor Loureiro, Gabi Bruel e Dani Dalessa.



Juarez Neto: Natural de São Paulo, Juarez Neto é artista visual e músico, atuando como saxofonista e flautista recorrente no cenário curitibano, tendo se apresentado em diversos festivais com o quarteto que leva seu nome e outros projetos como After Jazz, Mutum Jazz, Tangará, Mamba Blues e UAIU, também acompanhou artistas como Teresa Cristina na Orquestra de Sopros de MPB dirigida por Nailor Proveta em 2023. @juarezneto.ttt

Lilian Nakahodo: Lilian Nakahodo é pianista, compositora e produtora musical radicada em Curitiba (PR). Transita entre o instrumental e o experimental com influências do jazz brasil e artes sonoras contemporâneas. Graduada em Produção Sonora e mestra em Música pela UFPR, atua em diversos projetos musicais, como o @coletivopianovero e @sonsnikkei, além de se dedicar à criação de trilhas e desenho de som para espetáculos e conteúdos audiovisuais. @lilian.nakahodo

Bi Bruel: Gabriela Bruel é percussionista e Bacharel em Música Popular pela Faculdade de Artes do Paraná. Atua em conceituados grupos da cena musical de Curitiba e tem participação expressiva nos mais importantes eventos culturais da capital paranaense acompanhando artistas de renome nacional como Tetê Spíndola, Antônio Madureira, Letieres Leite, Antonio Nóbrega, BNegão, entre outros. É integrante dos grupos Rosa Armorial, Terra Sonora, Fronteira de Roseane Santos e Forró de Maravilha. Ao lado de Denis Mariano, criou o duo de percussão Sol.katu e maraca.drum, e tem como padrinho Antônio Madureira, que gentilmente batizou o grupo. @bibruel

Daniel Dalessa: É baterista, dedica-se a projetos como ímã, Iskundum, Lu Faccini, Seithy, Mutum Jazz, Tangará, Julia Klüber e vários outros ao longo de 10 anos de carreira, incluindo a cantora e compositora Roseane Santos. Nos últimos anos, fez parte de espetáculos de teatro do grupo Um Bailinho Perdido em projetos vinculados à Selvática Ações Artísticas, com apresentações em eventos como o Festival Internacional de Cabaré do México 2021, a Mostra Internacional de Cabaré (MIC) 2022, além do processo de residência artística que resultou em uma participação na 13ª Cruzada Central por el Teatro, em Querétaro, México, em 2022. @danieldalessa

Duda Comunello: Duda Comunello é instrumentista, compositor e arranjador. Músico há 10 anos, fez aulas de guitarra, harmonia funcional e prática de banda no Conservatório de Música Popular Brasileira (CMPB). Em 2017 lançou com a banda Zarabatana um álbum de música autoral. No mesmo ano participou do festival de blues de Antonina. Em 2019 ingressou no curso de Bacharelado em Música Popular na Faculdade de Artes do Paraná. Atualmente é guitarrista dos projetos Tangará MPB, Mutum Jazz, Mamba Blues e Rubia Divino. @duda_comunello

Igor Loureiro: Igor Loureiro é um jovem músico de destaque na cena curitibana, formado em baixo elétrico no Conservatório de MPB de Curitiba e bacharelado em Música

Popular pela Faculdade de Artes do Paraná. Integrante de diversos grupos, destaca-se o trio de música instrumental autoral Capybara Trio, com o qual já se apresentou em festivais como Curitiba Jazz Festival, Playing for Change Day, Jazz À Gosto e Jazz na Ilha (Ilha do Mel - PR). Com o trio, também realizou apresentações em clubes de jazz em Assunção, no Paraguai. Como baixista, Igor já acompanhou grandes nomes da música brasileira como Danilo Caymmi, Teresa Cristina, Nailor Proveta, Amanda Pacífico, Ana Decker e Jorginho Neto. @igormloureiro

Os Filmes

Curtas de Alice

França, 1898 a 1907, 48min, Livre

Dir. Alice Guy

Com os filmes *Chez le magnétiseur*, *Chirurgie fin de siècle*, *Avenue de l'opéra*, *Chapellerie et charcuterie mécaniques*, *Chez le photographe*, *Questions indiscreètes*, *Madame a des envies*, *Les Résultats du féminisme*, *Le Lit à roulette*, *La Course à la saucisse*, *Alice Guy tourne une phonoscène*, *Sur la barricade* e *Le Billet de banque*.



Questions indiscreètes - 1926

Limite

Brasil, 1931, 120min, 12 anos

Dir. Mário Peixoto

Em um pequeno barco à deriva, duas mulheres e um homem relembram seu passado recente. Uma das mulheres escapou da prisão; a outra estava desesperada; e o homem tinha perdido sua amante. Cansados, eles param de remar e se conformam com a morte, relembrando (por meio de *flashbacks*) as situações de seu passado. Eles não têm mais força ou desejo de viver e atingiram o limite de suas existências. Único filme de Mário Peixoto.



Elenco: Olga Breno, Tatiana Rey, Raul Schnoor e Brutus Pedreira | **Produção:** Mário Peixoto | **Direção de Fotografia:** Edgar Brasil | **Montagem:** Mário Peixoto

Nanook, O Esquimó

França, EUA, 1922, 78min, 12 anos

Dir. Robert J. Flaherty

O filme é considerado como o primeiro documentário formal da história do cinema. A obra documenta um ano da vida do esquimó Nanook e de sua família, que vivem em Hudson Bay, no Canadá. A caça (a animais como o leão marinho), a pesca e as migrações de um grupo que estão totalmente à parte da industrialização da década de 20. O cotidiano de uma família que realiza as atividades do dia a dia em volta basicamente de uma única questão: ter o que comer.



Roteiro: Frances H. Flaherty e Robert J. Flaherty | **Elenco:** Allakariallak, Alice Nevalinga, Cunayou, Allegoo e Camock | **Produção:** Robert J. Flaherty, Thierry Mallett e John Révillon | **Direção de fotografia:** Robert J. Flaherty | **Montagem:** Herbert Edwards, Robert J. Flaherty e Charles Gelb

Nosferatu

Alemanha, 1922, 94min, 12 anos

Dir. F. W. Murnau

Hutter, agente imobiliário, viaja até os Montes Cárpatos para vender um castelo no Mar Báltico cujo proprietário é o excêntrico conde Graf Orlock, que na verdade é um milenar vampiro que, buscando poder, se muda para Bremen, Alemanha, espalhando o terror na região. Curiosamente quem pode reverter esta situação é Ellen, a esposa de Hutter, pois Orlock está atraído por ela.



Roteiro: Henrik Galeen | **Elenco:** Max Schreck, Gustav von Wangenheim, Greta Schröder, Georg H. Schnell, Ruth Landshoff, Gustav Botz, Alexander Granach, John Gottowt, Max Nemetz, Wolfgang Heinz e Albert Venohr | **Produção:** Enrico Dieckmann e Albin Grau | **Direção de fotografia:** Fritz Arno Wagner e Günther Krampf | **Direção de arte:** Albin Grau

Pour Don Carlos

França, 1921, 90min, 12 anos
Dir. Musidora e Jacques Lasseyne

Baseado no livro de Pierre Benoît, o filme retrata a guerra civil entre o governo republicano local e os Carlistas, apoiadores do pretendente ao trono da Espanha, no final do século XIX. Um jovem subprefeito cai em uma armadilha elaborada pela musa da insurreição Carlista antes de se juntar à causa com ela.



Roteiro: Musidora | **Elenco:** Musidora, Stephen Weber e Abel Tarride | **Produção:** Musidora | **Direção de Fotografia:** Léonce Crouan e Franck Daniau | **Direção de arte:** René Carrère

São Paulo, Sinfonia da MetrÓpole

Brasil, 1929, 90min, 10 anos

Dir. Rodolfo Lustig e Adalberto Kemeny

A cidade de São Paulo no final da década de 20. Urbanismo, moda, monumentos públicos, industrialização, fatos históricos, expansão do café, educação e o burburinho do cotidiano. Baseados no clássico *Berlim: Sinfonia da cidade* (1927), os húngaros Adalberto Kemeny e Rodolfo Lustig, donos de um dos melhores laboratórios de cinema da época, produziram este documentário.



Os Diretores



Alice Guy

Alice Guy-Blaché foi uma importante realizadora do dito primeiro cinema, mas que teve sua história apagada – seu nome não costuma constar entre os grandes nos cânones cinematográficos. É a ela creditado o primeiro filme de ficção da história do cinema, *A Fada dos repolhos* (1896), bem como outros mais de mil títulos realizados entre 1896 e 1922.

Alice Guy trabalhava como secretária na companhia Gaumont, empresa especializada em vendas de materiais fotográficos e que, futuramente, viraria produtora de filmes. Aliás, se trata a empresa cinematográfica mais antiga do mundo ainda em atividade. Após o lançamento e sucesso do cinematógrafo criado pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, o cinema rapidamente se espalhou e diversos realizadores começaram a se aventurar na captação de vistas – imagens documentais, como a famosa chegada do trem na estação, dos Lumière (*L'arrivée d'un train à La Ciotat*, 1896). A Gaumont logo começou a produzir suas próprias vistas e foi nesse contexto que

Alice Guy convenceu seu fundador, Leon Gaumont, a tentar algo diferente. Seu experimento foi um sucesso, o que a tornou a principal realizadora da produtora.

Alice Guy passou a não só criar pequenas obras narrativas como se aventurar em novas experiências, por exemplo, filmes coloridos à mão e obras com som sincronizado. A própria Gaumont foi responsável pelo desenvolvimento de uma tecnologia de sincronização de imagem e som, a *Chronophone*, com a qual a cineasta realizou alguns filmes como o curta *Questions indiscrètes* (1906), filme em cores com o cantor Felix Mayol.

Alice Guy se mudou para os Estados Unidos após casar-se com Herbert Blaché e se tornou a primeira mulher à frente de um estúdio americano, o Solax. A empresa operou até 1914, quando foi fechada. A cineasta continuou trabalhando no cinema norte-americano junto do marido e de outras empresas, sempre acompanhando as grandes mudanças tecnológicas e de narrativa comuns ao período, até que em 1922 se separou dele e voltou a viver na França.



F. W. Murnau

Friedrich Wilhelm Murnau foi um dos cineastas mais importantes do Expressionismo Alemão, movimento artístico de vanguarda que, no cinema, teve seu ápice nos anos 1920. Dessa época, Murnau realizou *Nosferatu* (1922), *A última gargalhada* (1924) e *Fausto* (1926).

Nascido em 1888, seu primeiro filme é de 1919, *O garoto vestido de azul*. *Nosferatu* é a primeira adaptação para o cinema do livro *Drácula*, de Bram Stoker. No entanto, houve grande imbróglio jurídico, já que os detentores da obra literária se recusaram a vender os direitos. A produção do filme fez ajustes, como a mudança de nome de personagens. Não foi o suficiente e a justiça alemã exigiu que todas as cópias fossem destruídas. Como Murnau conseguiu salvar algumas, o filme sobreviveu e acabou por se tornar um clássico, sobretudo após a obra de Bram Stoker entrar em domínio público na década de 1960.

Ainda em 1926, Murnau se mudou para os Estados Unidos para trabalhar em Hollywood a convite dos estúdios

Fox. Então ele realizou *Aurora* (1927), considerado por muitos como um dos maiores filmes da história do cinema e a sua obra-prima. O cineasta ainda fez mais dois filmes para a Fox, mas foram tantos conflitos entre ele e os executivos, que a colaboração se encerrou por aí.

Murnau partiu, então, para a Oceania em busca de seu novo projeto, um filme independente coproduzido por ninguém menos que Robert Flaherty. Nascia assim *Tabu* (1931). Mas Murnau não chegou a assistir à *première*, pois morreu em um acidente de carro aos 42 anos.



Mário Peixoto

Nascido na Bélgica em 1908, Mário Breves Peixoto veio para o Brasil aos dois anos. Em 1928, conheceu o cineasta Adhemar Gonzaga, hoje reconhecido produtor de cinema que naquele ano dirigiria seu primeiro filme, *Barro humano*. Em 1929, Mário Peixoto viajou a Europa, onde, segundo ele, viu uma imagem que levaria à elaboração de *Limite*. Era a capa da revista *Vu* nº 74, que trazia a fotografia de uma mulher em close com braços masculinos que cercam sua cabeça e exibem mãos algemadas. Esse se tornaria o primeiro plano de seu filme. *Limite* foi lançado no Rio de Janeiro fora do circuito comercial, em 17 de maio de 1931 e pouco a pouco se tornaria uma lenda do cinema brasileiro. Sem vida comercial, o longa desapareceu, sendo recuperado somente nos anos 1970. Em 2007, a *World Cinema Foundation* financiou a restauração do filme, sob organização da Cinemateca Brasileira em parceria com o cineasta Martin Scorsese. Um levantamento da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), de 2015, colocou *Limite* no topo

da lista entre os melhores filmes já realizados no país. *Limite*, contudo, é o único filme finalizado de Mário Peixoto. Ainda em 1931 ele iniciou as filmagens de *Onde a Terra acaba*, uma produção financiada pela cineasta e atriz Carmen Santos. Mas o filme foi terminado sob a direção de Octavio Gabus Mendes. A produção, extremamente cara, fora interrompida várias vezes, o que acabou levando a desentendimentos entre Mário Peixoto e a produtora. Outros tantos projetos cinematográficos iriam passar por suas mãos. Mas todos iriam fracassar sem vir à luz para o público. Em 1936, ele pensou em rodar *Constância*, projeto que não foi à frente. Logo depois, começou a preparar o filme *Maré baixa*, chegando a escolher atores e locações, mas o projeto também não foi filmado. Novamente voltou a trabalhar com Carmen Santos, dessa vez escrevendo o roteiro de *Tiradentes*, em 1937, mas esse filme também não foi realizado. No ano de 1938 tentou mais uma vez rodar um filme. Agora se tratava da fita *Três contra o mundo*, com Eva Schnoor e Carlos Modesto. Também sem sucesso. Depois da Segunda Guerra, em 1946, voltou a *Onde a Terra acaba*, querendo realizar uma versão falada do filme. O projeto não seguiu adiante. Mário Peixoto publicou diversos livros, como *O inútil de cada um*, *Escritos sobre cinema* e *Poemas de permeio com o mar*, além de roteiros. Morreu em 1992 aos 83 anos.



Musidora

Jeanne Roques, ou Musidora, foi atriz, diretora, escritora e produtora. Filha de pais intelectuais, nasceu em Paris em 1889. Como atriz, participou de mais de sessenta filmes, tendo sua estreia em curta-metragem no ano de 1909. Contudo, foi com o longa-metragem *Les vampires* (1915), de Louis Feuillade, que ela faria fama na pele de Irma Vep, o que viria a se tornar uma série de dez filmes. Muito por causa desse seu papel, os surrealistas a elegeram como uma de suas musas. André Breton e Louis Aragon, importantes integrantes do movimento artístico, por exemplo, escreveram a peça de teatro *Le trésor des jésuites*, uma homenagem à atriz. Como realizadora, escreveu e dirigiu vários filmes, entre eles os filmes *Vicenta* (1920) e *Sol y sombra* (1922). Também adaptou o romance *Pour don Carlos* (1921), de Pierre Benoît. O projeto, que seria direção solo, acabou virando uma codireção, já que Benoît exigiu que houvesse outro diretor envolvido. Só a partir daí Jacques Lasseynne foi envolvido na empreitada. O cineasta, inclusive, já havia trabalhado com Musidora no curta-metragem *Sol y sombra*,

filme que também teve presença de Musidora no roteiro e na direção. *Pour don Carlos, Sol y sombra* e *La tierra de los toros* (1924) são obras da fase espanhola da cineasta. Apaixonada pelo *rejoneador* (toureiro a cavalo) Antonio Cañero, ela se mudou para o país e passou a produzir e atuar na Espanha. Musidora retornou a Paris em 1926 e se casou com o médico Clément Marot em 1927. Ela abandonou o cinema e se dedicou ao teatro até o ano de 1952. Multiartista, também publicou alguns livros, como as novelas *Arabella et arlequin* (1928) e *Paroxysmes* (1934) e o livro de poemas *Auréoies* (1940). Ela morreu em 1957.



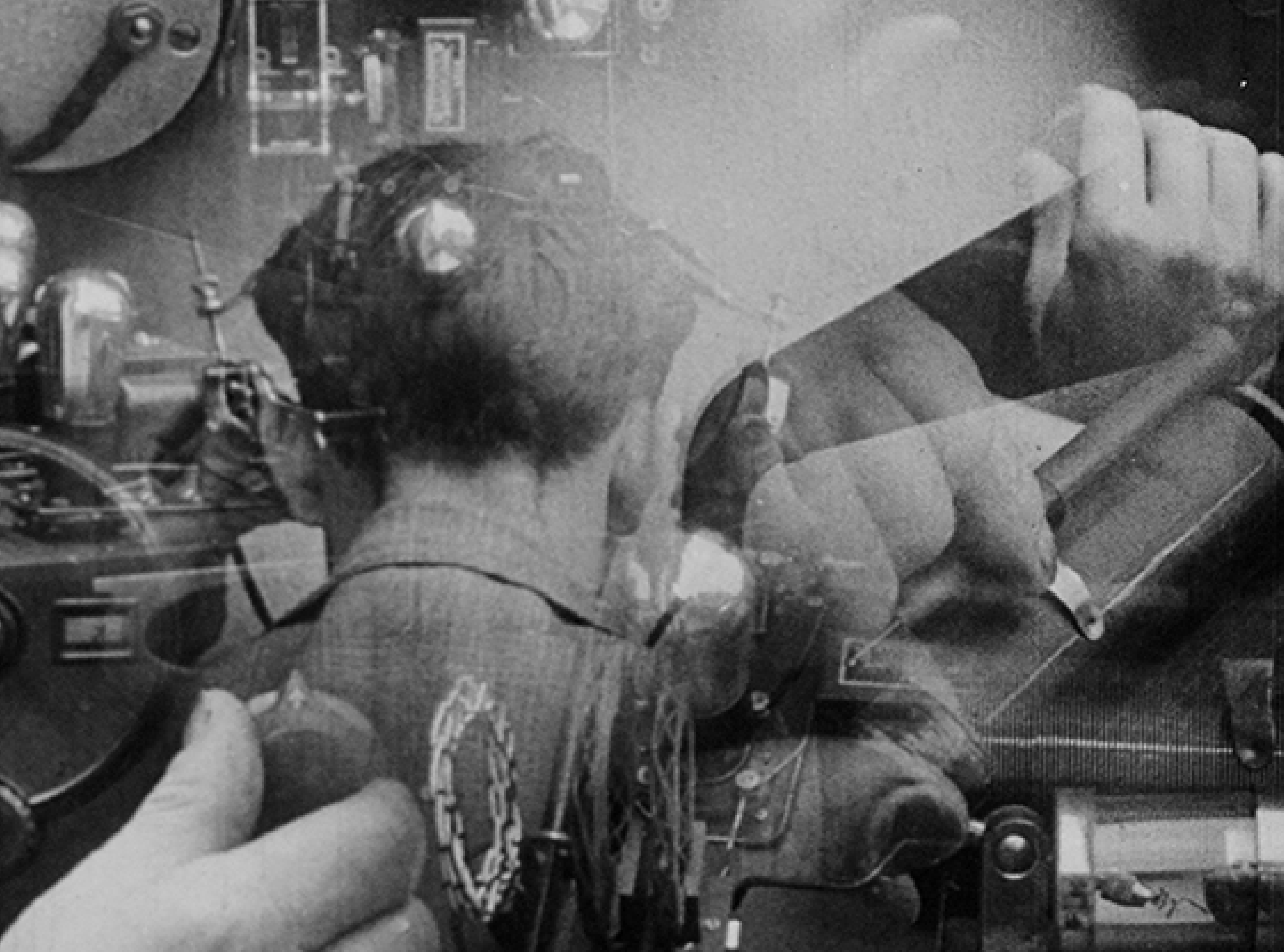
Robert J. Flaherty

Robert Joseph Flaherty nasceu em Michigan, nos Estados Unidos, em 1884. Hoje ele é tido como um dos pais do cinema documental. *Nanook, o esquimó* (1922) é apontado por muitos como o primeiro documentário da história, além de ser estudado nas escolas de cinema como um exemplo a ser debatido entre as fronteiras formais da ficção e da não ficção. É que desde o nascedouro do gênero documental, o cinema tratou de o entender como parte ficcional. Hoje essa discussão pode parecer algo banal, mas em 1922, essas fronteiras pareciam indevassáveis.

Flaherty, filho de um explorador de minas, tornou-se ele próprio cartógrafo e geólogo. Trabalhou como geólogo na construção da linha férrea Canadian Northern Railway, recebeu também a incumbência de filmar o que houvesse de interessante em suas expedições. O ano era 1913 e a locação, a Baía de Hudson. E aí nasce o germe do que viria a ser *Nanook, o esquimó*. Mas essas primeiras filmagens são perdidas.

Após o sucesso comercial de *Nanook, o esquimó*, viriam outros projetos tais como *Os pescadores de Aran* (1934), realizado nas ilhas de Aran, na Irlanda, conta a história de pescadores em uma saga heroica contra as forças da natureza. Flaherty encerrou sua carreira com o filme *A história de Louisiana*, sobre a construção de um oleoduto e a vida de um jovem trabalhador da região.

Flaherty realizou cerca de sete longas-metragens e fundou as bases do cinema documental e/ou observacional. Morreu em 1951.



Rodolfo Lustig e Adalberto Kemeny

Adalberto Kemeny e Rodolfo Rex Lustig são húngaros de nascença e passaram suas infâncias em Budapeste, onde se tornaram amigos. Antes de virem para o Brasil, viveram em Berlim, onde trabalharam na empresa cinematográfica UFA. Rodolfo foi o primeiro a chegar em nosso país, ainda em 1922. Adalberto se mudou quatro anos depois. Em 1928, adquiriram a Independência Filme, que se tornaria a Rex Film, uma produtora de documentários e noticiários. Mas foi como laboratório fotográfico que a empresa se tornou essencial para o cinema paulistano da época. *São Paulo, sinfonia da metrópole* (1929), é o único filme realizado pela dupla como diretores, embora eles tenham atuado em outras produções, sobretudo como fotógrafos, tais como *O caçador de diamantes* (1934) e *Cousas nossas* (1931).

São Paulo, sinfonia da metrópole aborda a capital a partir da modernidade que acabara de chegar, apresentando a cidade como uma metrópole em busca do progresso. Embora a dupla tenha negado, o filme é cla-

ramente influenciado pelo clássico *Berlim: Sinfonia da cidade* (1927), de Walter Ruttmann. Houve até mesmo uma acusação de plágio contra eles. Contudo, as “sinfonias” são quase um subgênero do cinema de então, vide o longa-metragem alemão e o soviético *O homem com uma câmera* (1929), de Dziga Vertov.

Os Curadores

Aristeu Araújo

Curador cinematográfico

Cineasta, crítico de cinema e jornalista, já realizou dezenas de mostras cinematográficas como curador e produtor. Destaque para as mostras *Ser Tão Pop - O novo cinema de sertão* (CAIXA Cultural Rio de Janeiro e Fortaleza), *Lembrando Joaquim Pinto e Nuno Leonel* (CAIXA Cultural Rio de Janeiro) e *Autorretratos* (CAIXA Cultural Rio de Janeiro e Recife). Foi produtor e curador do *Festival de Cinema da Bienal Internacional de Curitiba* entre 2016 e 2018, bem como programador da sala CinePensamento, no centro cultural Sesc Paço da Liberdade (2012 a 2014), em Curitiba. Lá realizou o projeto Novos Repertórios, levando diversos filmes brasileiros inéditos para a cidade junto de seus realizadores para debate com o público. Como cineasta, já dirigiu nove curtas, entre eles o filme “Naquela Noite Ele Sonhou com Um Mar Azul”. No momento se dedica a roteirização de seu primeiro longa, o filme *A Ponte*.

Luiz Lepchak

Curador musical

Desenhista de som e compositor para filmes, estudou Cinema na EICTV em Cuba e Produção Sonora na UFPR. Já colaborou com mais de 60 filmes, muitos dos quais participaram de importantes festivais de cinema pelo mundo, tendo já recebido sete prêmios. Participou duas vezes da rede de cineastas emergentes da Berlinale Talents, Berlim 2019 e Buenos Aires 2020. Dá aulas como professor convidado em CHAVÓN (Carreira de Cinema da Escola de Arte na República Dominicana), desde 2019. É ainda membro colaborador do coletivo de sonidistas latino-americanos STEMS desde 2017. Como compositor, idealizou a plataforma *@cafilasounds* com o intuito de criar trilhas sonoras experimentais para imagens silenciosas. Como realizador, rodou *Aquela Mesma Estação*, curta-metragem ensaio sobre a nostalgia por meio dos sons e das ondas de rádio em Cuba.

Ficha Técnica

Direção artística **Aristeu Araújo e Luiz Lepchak**

Curadoria cinematográfica **Aristeu Araújo**

Curadoria musical **Luiz Lepchak**

Produção **Cássia Damasceno**
Jade Azevedo

Coordenação **Jade Azevedo**

Produção executiva **Jade Azevedo**

Músicos **Antonio “Panda” Gianfratti**

Carlos Ferreira e Diego Poloni

Juarez Neto Sexteto

Juarez Neto

Bi Bruel

Daniel Dalessa

Duda Comunello

Igor Loureiro

Lilian Nakahodo

Técnico de som **Neto Tim**

Iluminação **Victor Sabbag**

Projeto gráfico, vinheta e website **Aristeu Araújo**

Revisão de textos **Lielson Zeni**

Projeção Digital **Isabela Aruana**

Assessoria de Comunicação **Glaucia Domingos**

Redes Sociais **Jade Azevedo**

Fotos **Pretícia Jerônimo**

Registros em vídeo **Daniel Pereira**